

2º Domingo de Natal

1ª leitura - Jeremias 31:7-14

Jeremias viveu uma época de frustração nacional após a morte do rei Josias (640 - 609 a.C.). O rei Manassés, avô de Josias, assassinou tanta gente inocente que o sangue corria de um extremo a outro de Jerusalém (2 Rs 21:16). O pai de Josias, Amon, reinou apenas dois anos sendo assassinado pelas tropas mercenárias recrutadas por Manasses (2 Rs 21:23). Diante da crise institucional, o "povo da terra", isto é, as famílias ricas do interior de Judá, matam os assassinos do rei. O único sobrevivente deste quadro de morte e violência foi Josias que começou a reinar com apenas 8 anos sendo tutorado por um sacerdote do Templo de Jerusalém chamado Helcias. Na verdade o governo de Josias foi uma aliança de estabilidade entre a hierarquia do Templo de Jerusalém e os proprietários rurais.

Após 18 anos de reinado Josias, em 622 a.C., foi implementada uma reforma que centralizou o culto e poder em Jerusalém. A reforma foi acompanhada de uma custosa campanha militar que estendeu as fronteiras de Israel além dos limites da época de Salomão cujo sucesso militar se deveu também a um vázio de poder internacional após a queda o Império Assírio e antes da ascensão do Império Babilônico.

A reforma centralizadora de Josias fechou os santuários do interior, dentre eles o da família de Jeremias formada por sacerdotes da cidade de Anatot. Jeremias começa a profetizar cinco anos após o início da reforma de Josias. O profeta começa a mostrar que a reforma era contraditória. Jerusalém ficava cada vez mais rica e interior se empobrecia progressivamente. A euforia entre os mais ricos vai despertando a desconfiança entre os mais pobres. Como afirma o profeta Jeremias, muitos diziam: "Paz, paz! Quando não havia paz" (Jr 8:11). Enquanto o culto ao SENHOR (YHWH) foi proibido no interior as elites continuam a adorar divindades estrangeiras (Jr 10).

A morte do rei idolatrado, Josias, foi um sinal do trágico fim de um reforma teoricamente bem intencionada, mas cuja prática hipócrita traria a desgraça até para as elites que tinham enriquecido (Jr 9:9-11). Por outro lado o avanço do Império Babilônico tende a piorar o quadro. Os reis que sucedem Josias continuam a ignorar a miséria do povo tentando o favor dos Impérios Egípcio e Babilônico (Jr 22:13-15). Assim o fim de Judá é visto por Jeremias com algo inevitável.

Os governantes acusam Jeremias de traidor, o aprisionam e o obrigam a se exilar no Egito. No entanto isto não impede que o profeta continue a pregar o fim do regime hipócrita que se apropriou de Jerusalém (Jr 15:10-21).

Entre as várias partes que formam o livro de Jeremias está o chamado: "*Livrinho da Consolação*" (Jr 30-31), onde se encontra o texto deste Domingo. Diante do exílio babilônico, e do fim do governo hipócrita das elites, resta uma esperança: a unidade de todos (Israel do norte e Judá do sul, Jr 31:9). Uma unidade capaz de promover a alegria que nasce da prática da justiça e do fim da opressão (Jr 31:8,11^a). (HMG)

2ª leitura (Epístola): Efésios 1.3-6, 15-19

Certamente a seleção do texto e o modo como foi selecionado obedeceram ao tema do Natal: o louvor a Deus que fez convergir em Cristo todas as coisas, e nos abençoou, (é bom dar uma olhada no vs.10, e 2.13,16,19). Neste sentido o encorajamento de Jeremias aos sofrendores da dispersão para louvar a Deus pela esperança da reunião e a narrativa jubilosa do retorno de Jesus do seu "exilo" no Egito fazem par com o texto de Efésios.

Vs.3ss. - Bendizer é dar graças e engrandecer Deus. Essa gratidão é motivada pela bênção do Espírito Santo. A bênção espiritual se refere à bênção do Espírito Santo. Surge agora questão: por que a bênção é "nos lugares celestiais" e não na terra onde carecemos urgentemente da bênção de Deus? A pista para o sentido desses termos se encontra, talvez, no vs.20 - "o fez sentar à direita de Deus". A metáfora da elevação de Jesus Cristo, à direita do Pai por meio da ressurreição tem como o pano de fundo o Salmo 110. No último verso do Salmo 109 (ele se põe à direita do pobre) a direita significa a proteção salvadora que Deus oferece aos necessitados. Essa proteção é a paz que vence a inimizade (2.14ss.) É nessa destra de Deus que temos a bênção espiritual (do Espírito Santo). E *nesse Cristo* é que somos feitos participantes da glória de Deus como seus filhos e filhas por adoção.

Essa foi decisão tomada por Deus, em sua bondade, antes da criação de todas as coisas, como plano eterno e não como alguma coisa da última hora. É possível que assim como não houve tempo em que Verbo não estivesse com Deus (Jo 1.2), também, não houve momento em que a humanidade não fosse objeto da consideração divina. Tal é base de nossa bênção.

Vs. 15ss... Da ação de graças por causa da fé e do amor fraterno operante na Igreja passa para a petição no sentido de que ela cresça mais e mais no conhecimento íntimo do Pai. (Em 3.14 toda a família humana recebe a paternidade.)

Com efeito, fomos destinados à fraternidade que louve a Deus. Essa fraternidade é uma comunidade de sabedoria e de esperança. A sabedoria está no mistério do amor de Deus e no reconhecimento das limitações humanas. O louvor a Deus reconhece a necessidade da sabedoria que vem de Deus e do fortalecimento na esperança, para a qual fomos chamados. Então, o Natal é a ocasião em que festejamos a reunião de uma nova fraternidade.

Santo Evangelho – Mateus 2, 1-12

A poesia do Natal aparece rodeada de densas sombras. Há nervosismo nos ambientes da corte de Herodes. O "pequeno" é sentido como terrível ameaça para os poderosos opressores. Sabemos pela História que Herodes era cruel e no tempo da infância de Jesus perseguia e matava gente que protestasse contra sua política pró-Roma. Sua figura evoca naturalmente o Faraó do Egito, figura paradigmática dos poderosos que se levantam contra os propósitos divinos de salvação do povo. São convocados sacerdotes e sábios, exatamente como tinha feito o rei do Egito (Ex 7, 11). E assim como o Faraó, Herodes cuidará de eliminar todos os meninos, tentando apagar o futuro do

povo (v16-18; Ex 1-2). José, Maria e Jesus, como núcleo inaugural do novo povo de Deus, vão refazer a antiga experiência de descer ao Egito (Gn 46) e de lá sair: "Do Egito chamei o meu filho" (v13-15; Ex 4, 19-23). Através da ameaça, da perseguição, da morte e do pranto, na verdade, Deus está reconstruindo misteriosamente o Seu povo (v18; Jr 31, 7-22).

Continua a meditação do Natal. O "trono" não mais vai estar em Jerusalém, mas em Belém, lugar de pastores, "o menor" dos clãs de Judá. Jesus é o novo Davi, pastor de Belém, identificado com os ideais do povo das tribos, expressão e líder do que chamaríamos hoje de poder popular, como haviam sonhado os antigos profetas. Sofonias imaginara o futuro do país entregue a um "povo humilde e pobre" (Sf 3, 12). Zacarias cantara a chegada de um rei que já não viesse montado em cavalos de guerra, mas sobre um jumentinho, montaria de pobres, um rei justo que "eliminasse carros e cavalos e armas de guerra" (Zc 9, 9-10). Jeremias sonhara com a volta de Davi, pastor lúcido e justo, a reunir de todas as terras as ovelhas de Deus (Jr 23, 1-8). Ezequiel denuncia cruamente os maus pastores e líderes, que oprimem e devoram o povo, e sonha com o dia quando Deus suscitará o Seu "servo" para ser pastor em Seu próprio nome (Ez 34). É claro que tal mensagem só pode ser perturbadora para os palácios dos poderosos. E Jesus "encarna" essa mensagem.

Percebe-se que as comunidades cristãs meditam sobre o significado do nascimento de Jesus tendo em mente o lindo texto de Isaías 60. Sobre Jerusalém se levanta a glória de Deus sob a forma de maravilhosa luz. Aliás, em outras histórias de nascimento de pessoas ilustres, particularmente de príncipes, fala-se do surgimento de estrelas. Imagem para significar a missão e o destino heróicos e extraordinários, o destino luminoso, da personagem. Como se o próprio céu refletisse sua luminosidade. Aqui, trata-se da estrela como símbolo da glória de Deus que repousa sobre Jesus.

O texto insinua claramente a rejeição de Jesus por parte da liderança oficial de Seu povo (Jo 1, 11). Já se antecipa na infância o que será o seu ministério e o seu fim: conflito e rejeição. Sua vida estará sob a ameaça permanente da traição, até dos mais próximos, e da espada dos poderosos. A sombra dos Herodes o perseguirá (Lc 13, 31-33). Enquanto isso, "os de longe" (expressão usada para designar os povos gentios) se aproximam e O reconhecem. O profeta imaginara a Cidade Santa invadida por representantes das nações, trazendo-lhe riquezas e dons preciosos, e prostrados a seu serviço. Os "sábios do Oriente" representam a universalidade dos povos que reconhecem a manifestação do Messias de Deus. "Epifania" quer dizer manifestação.

Esse foi justamente o drama que as primeiras comunidades viveram em sua própria carne: o conflito com as lideranças de seu povo e a abertura de gente estranha ao Judaísmo, os gentios, para acolher a mensagem luminosa e libertadora do Evangelho (At 11, 19-26). (SAGS).